

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA REGIONAL DE CHAPECÓ-UNOCHAPECÓ
VICE REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS GRADUAÇÃO
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA-CEOM.
PROJETO PATRIMÔNIO ESCOLA COMUNIDADE – CAXAMBU DO SUL**

ENTREVISTA N° PASTA:

ENTREVISTADOS: VALÉRIO GURALSKI
VANDA GURALSKI

ENTREVISTADORAS: PATRICIA HEFFEL (PH)
FABIANE AGOSTINI
TALITA ANDREOLLA

Transcrição: André Luiz Onghero

Revisão: André Luiz Onghero

OBS: Vieram morar em Caxambú do Sul em 1967. Antes moravam em Barão de Cotegipe/RS.

PH: Entrevista realizada com o Sr Valério Guralski e a D. Vanda Guralski pelos entrevistadores Patrícia Heffel, Fabiane Agostini e Talita Andreolla, no dia 13 de novembro na linha Pompeu, as 8:52.

PH: Então, qual o nome completo do Sr?

Valério: Meu nome completo mesmo é Valério Guralski.

PH: Valério Guralski, e o da Sra?

Vanda: Vanda Guralski.

PH: Vanda Guralski. Que dia que o Sr nasceu Seu Valério?

Valério: Eu nasci dia 17/12/1942.

PH: E... aonde é que foi?

Valério: Foi no município de Barão de Cotegipe/RS.

PH: E a Sra?

Vanda: 22 de outubro.

PH: 22 de outubro de que ano?

Vanda: 1942.

PH: 1942 e aonde que a Sra nasceu?

Vanda: Barão de Cotegipe.

PH: Barão de Cotegipe. E quando é que vocês vieram pra cá?

Valério: Nós viêmo no dia 25 de julho, que é dia do colono e motorista, em 1967. Completô 40 anos.

PH: E vieram pra cá, nessa comunidade.

Valério: Nós viêmo pra cá. Nós viêmo primêro, fômo morá no, ali onde mora o compadre Adão. Ali do otro lado do cerro ali tá. E daí nós viêmo ali, como trabalhá de agregado, né, arrendatário. Numa área de terra que era do Zé (...), do Antônio (...). Então, primêro veio morá a minha irmã, né, que casada c'o Adão. Daí eu vim visitá ela, e me agradô muito a terra ali. E daí nós combinemo assim de fazê uma súcia com o (...) de cria os suínos, né. E daí nós fiquêmo 3 ano trabaiando lá, né. Criando suínos e depois daí de 3 ano consegui comprá essa área aqui. É, e daí eu fez uma roçada ali no caso, um limpado que construí o primêro rancho (risos). E, só que deu uma queima muito ruim e teve muito serviço assim pra fazer a limpeza onde que eu construí, né.

PH: Ah, tinha bastante mato?

Valério: Era tudo matão. Ali na verdade era mato, daí eu comprei essa área de terra porque me agradou uma vertente de água muito boa, né. E daí construímo, depois de 3 anos que fiquêmo lá, já vendi minha parte dos suínos né, pra eles, pro Adão e pro Antonio (...), e daí conseguimos comprá ali. E daí fumo, fazendo a luta, fazendo roça dirubando mato e fazendo lavôra e sempre fiquêmo ali, né.

PH: Sempre ali.

Valério: Sempre ali. Criêmo 7 filho, no caso, puxêmo o mais velho, com 7 mêis de idade, e 6 nasceu a...

PH: É, e quantos homens e quantas mulheres?

Valério: É, tem 4 homem e 3 mulher.

PH: E essas terras que o Sr comprou aqui, comprou de quem?

Valério: Do Antônio (...).

PH: Antônio (...). E que produtos assim que vocês começaram a produzir aqui?

Valério: Na verdade, naquela época dava muito feijão e milho, né. As terra nova, então ali não dependia de adubo, não dependia de nada. A gente colhia feijão, prantava 1 quilo coiía 60 quilo, né. Milho também era mêma coisa, dava milho 10, 12 saco por quilo de semente, né. É uma, coisa muito séria, de pranta que nós coiía, né. Até um ano só nós dois coiêmo 104 saco de feijão assim na

safrinha do tarde, né.

PH: Nossa, bastante.

Valério: Daí depois a gente começou assim, pegá diarista e í lá porque o castigo, as roça não era fácil né, tinha que trabalha tudo a muque, no caso, de enxada né. Carpi aquelas tigüera, porque não tinha como ponha boi, que era muita tranqüera de paulêra, né. E fomo fazendo a luta assim, depois a lá um tempo a gente começou a fica meio doente, tal e coisa e daí já dependia muito de diarista. Porque começou a me dar muito poblema da coluna, e teve muitos internamento, assim, no caso, massage, aplicação, coisarada. Eu já não podia mais trabalha por causo que tava tudo doído, no causo anssim, a coluna não me dexáva, né. Depois, a pi lazada vieram crescendo e...

PH: E o Sr ia em... tinha hospital, e médico aonde?

Valério: Em Caxambu do Sul.

PH. Em Caxambu.

Valério. É, no caso anssim, tinha o hospital velho ali onde é o sindicato agora né. Daí, aí já vinha médico e tinha um médico. Tinha até um... alguns que, no causo anssim... no primêros tempo vinha médico de Chapecó, né.

PH: O Sr lembra o nome de algum?

Valério: Má, não me lembro. O nome deles... óia é difícil agora já tantos anos. No causo anssim.

PH: É.

Valério: E... anssim, no caso da saúde, (...) sempre teve um bom atendimento. No caso assim, não posso me... assim, posso até agradecer muito, que nunca me faltou assim, que fosse mal atendido, alguma coisa assim sabe. Foi bem atendido no hospital...

PH: E sempre foi fácil o acesso?

Valério: Sempre foi. Acesso... sabe a gente pagava. Nós sempre teve carro, maioria, sempre a gente teve algum, algum carro no caso. Senão a gente pagava algumas corrida né. Má no primêros tempo foi difícil por que, a gente pra ir pro comércio de Caxambu a gente no caso assim dependia tudo mais de ir a cavalo, no caso, pro comércio, porque as estrada naquela época também não eram boa. Era estrada de chão e tudo, ou estrada meia ruim. Não tinha cascalho, né. Então a gente dependia muito de animal, no caso. Saí pra ir pro comércio a cavalo, né. Ali a gente gastava umas 4, 5 hora pra ir e volta, né.

PH: Uhum. E seus pais... ficaram lá no Rio Grande do Sul, vieram também?

Valério: Os meus pais ficaram no Rio Grande, ficaram lá. E de lá, depois eles ficaram, quando nós viêmo acho que eles ficaram uns 4 ano, ficaram pra lá. Daí nós, eu e a minha irmã, meu cunhado entre nós resolvêmo trazê eles pra cá. Daí eles ficaram com eles lá, com o compadre Adão, com a minha irmã, né. Ficaram ali morando. Daí, ficaram ali, conseguiram se aposentar e tal. Ficaram até que daí o pai faleceu ali. É, ele falou, se o (...) 23 anos que ele é morto. E a minha mãe daí depois ela ficou tempo sozinha no causo anssim, mas daí ela ficava aqui um poco, um poco lá. E ela

gostava passeá bastante, e sair. Até uma veiz eu viajei com ela também, que ela queria visitá os irmão dela. Daí fiquêmo 11 dia fora de casa passeando com ela.

PH: E como é que era o nome deles?

Valério: O meu pai era Francisco Guralski, e a minha mãe era Leocádia.

PH: Leocádia Guralski também. E eles sempre moraram lá, não vieram de outro lugar?

Valério: Eles...

PH: Eles nasceram aonde?

Valério: Eles nasceram, meu finado pai nasceu em Cascas, no Rio Grande. E a minha mãe nasceu em Cotegipe mesmo só naquela época Cotegipe era um distritozinho, uma vila né. Então pertencia pra Erechim.

PH: E os pais da Sra, como se chamavam?

Vanda: O pai, Pedro Oleias e a mãe Eugênia.

PH: Eugênia...

Vanda: Oleias.

PH: Oleias também. E lembra quando eles nasceram, aonde?

Valério: O teu pai é da classe 18, que eu sempre que me lembro.

PH: 1918.

Valério: É. E ele faz aniversário em dezembro, dia 10 eu acho que é, ou dia 9. Dia 10 de dezembro. E a tua é de classe...

Vanda: Ela é dia 14 de maio, 2 ano mais nova que o pai.

Valério: É... de classe 20.

PH: 1920.

Valério: É.

PH: E eles são vivos, não?

Vanda: São mortos.

PH: E pra Sra assim, quando tinha filhos, como é que era, ia pro hospital?

Vanda: Ganhava em casa (...).

PH: E vinha partêra, como é que era?

Vanda: Vinha partêra.

PH: a Sra lembra o nome dela?

Valério: (...) Maria Furlanetto, depois foi a dona Merízia. A finada Ana, eu não me lembro.

Vanda: Ana Merízio, depois 2 vez a (...)

PH: E como é que era, a Sra avisava antes, mandava alguém avisar?

Vanda: Sim, se vinha um mês antes...

Valério: Até mais.

Vanda: Daí tem que ir buscar ela.

PH: E ela vinha e ficava?

Vanda: Ficava aí até fazê o parto, depois ela vinha embora.

PH: Ia embora. E a Sra tinha ajuda de alguém quando nascia as criança pra fazê o serviço?

Vanda: As veiz a gente pegava, depois tinha as menina já tavam mais grande daí nem precisava (...).

PH: E como é que eram os cuidados com as crianças e com a Sra?

Vanda: Se virava do jeito que dava.

PH: O que que tinha que fazer depois que nascia a criança?

Vanda: Ah tinha que (...) fazê uma dieta, má ir me cuidando né. E o nenê tinha que cuida eles, dá banho, arruma o umbiguinho dele, passa remédio. (...) Má graças a Deus crio tudo.

PH: A Sra lembra que tipo de remédio passava no umbigo?

Vanda: Passava (...) a maioria fritava a manjurana [manjerona] né, também com banha de galinha, passava no umbigo

PH: E que erva que era?

Vanda: Manjurana.

PH: Manjurana?

Vanda: Uma erva com cheiro bom.

Valério: Uma erva medicinal naquele tempo.

Vanda: É, naquele tempo não tinha essas coisa de re... levá no médico era difícil, só se tava bem meio mêmo, porque...

PH: Faziam bastante remédio casêro mesmo.

Vanda: É, nós tinha em casa, né.

PH: Que doença de dava mais, que costumava ser mais freqüente, antigamente?

Vanda: Ah, febre, as veiz gripe (...).

Valério: Nós que sofremo mais assim, com negócio de tosse comprida com as criança. É, teve ali o Fildo, Alcide, 2, 3 que passaram que Deus o livre, era de assustá. Umas hora parece que não vinha mas o folgo, né. Mais difícil com as criança foi, eu acho que foi aquilo, né.

Vanda: Não, nós tivemos sorte, não deu muita doençaiada nas fiarada.

Valério: Teve o mais véio que daí deu aquela enemia, né. Daí também aquele... mas deu pra...

PH: E que remédio usavam pra tosse comprida?

Valério: Mas olha, eu nem me lembro mais.

Vanda: (...) que era pra matar uma passarinho, daquelas graia [gralha] que dizem. Peito amarelo elas têm.

Valério: A graia amarela aquela. Bom, vocês conhecem a graia, sim. E... faze sopinha.

PH: Sopa de gralha.

Valério: Sopa de gralha.

Vanda: (...)

PH: Dá um remédio bom? E pra anemia?

Vanda: Benzia. Mandava benzê.

PH: Benze? Tinha benzedor perto?

Vanda: Tinha, tinha ali o... o nono Danieli ali, que nós chamava a mãe dele.

PH: Como é que era o nome dele?

Vanda: Pedro Danieli.

PH: Pedro Danieli.

Vanda: É. Ele morava ali perto desse mato ali.

PH: Ele bazia só de anemia ou benzia de outras coisas também?

Vanda: Mas nós só mandava benzê de anemia...

Valério: Pode sê que ele tinha otros.

Vanda: Má acho que não, era só... sei lá.

PH: E esses arrumador de osso, tinha por aqui?

Valério: Tinha. Tinha arrumador de osso, que até na verdade o (risos) o vô dela né... era um médico especialista, é.

PH: Como é que era o nome?

Valério: O nome dele é... Guerino...

Vanda: Guerino Agostín.

PH: Guerino Agostín.

Valério: Guerino Agostín.

PH: E acontecia muito das pessoas se machucar?

Valério: Nós anssim, no caso, não tivemo esse problema de quebradura. Um daí foi machucado, o 2º dos filho que ele tomô um coice duma, dum animal. Não, ela avançô nele, que eles queriam vê um potrinho. Era uma égua, né, daí tinha um potrinhozinho. Eles foram oiá aquele potrinhozinho e ela viu que eles tavam chegando ela foi avança neles. E daí eles correram e daí ele, sei lá como é que ele foi se jogá atrás duma madera, né. Duma tora que tinha. Caiu meio mal e bateu o ombro. Daí, só que naquela época já não era mais o finado rino [Guerino]. Era o Mário Mello, que era o moço dele.

PH: E... coisa de picada de cobra... acontecia muito? (...)

Valério: Não, ó... só aconteceu de mordida de bicho anssim uma filha mais velha pi, bicada pelo uma aranha. Uma aranhazinha daquelas amarela. Bico de, boca de, bico de fogo que chamam lá, não sei como é que é... É. Daí aquela sim, aquela tocô levá, levá no hispital

PH: No Hospital, tomá soro.

Valério: A única bicada assim foi aquela assim. Senão, cobra, essas coisa, graças a Deus que sempre tivemo sorte de ninguém de ter, de não ter acontecido isso né.

PH: Seu Valério, qual é a sua escolaridade?

Valério: Eu estudei até a 4ª série.

PH: Até a 4ª série. E aqui?

Valério: Não, estudei no Rio Grande (...) no município de Barão de Cotegipe. Depois naquela época, depois da 4ª série terminava, não tinha mais.

PH: Não tinha mais.

Valério: Não tinha mais o que estudá.

PH: O Sr lembra do material que usava?

Valério: Ah, a gente usava, até naquele tempo no primêros anos o que usava, no caso, não era caderno né, era aquelas, como é que chamava... a tal da loça [lousa].

Vanda: Uma tabela.

Valério: Uma tabelinha assim, que nem um quadro, que nem um quadro negro, né. Tinha um lapisinho assim fino, se escrevia com aquilo, apagava e... e era aquilo. Até uma veiz um piá lá me inticô, eu saí correndo atrás dele, caí e quebrei (risos). Aí tocô, finado pai tocô comprá outra. E livros, eram livros muito simpres, né. Bão de lê, com letras grande, ta, e... né.

PH: E havia tempo pra brincadeira, tinha hora do recreio?

Valério: Sim, tinha hora de recreio. Sim, tinha hora de recreio, nós estudava das 8 até as 9:40 por aí, depois daí era o recreio, até as 10, 10:05 por aí. É, daí nós levava merenda, pra comê porque aquele tempo não tinha, né, merenda que tem agora. Levava quaque uma fruita, até uma batata doce (risos), pedaço de pão com salame e queijo, aí era tudo assim sabe, cada um levava assim pra si. É, e daí depois nós estudava até ali perto, até 10 pra meio dia, né. Depois a professora liberava nós.

PH: E do quê que vocês brincavam?

Valério: Ah, maioria naquela época a gente gostava da bola, né. Então sempre a bola com a piazada. É, a maioria bola. As menina daí já brincavam de pega-pega e coisa outra assim, inventavam tanta brincadêra. É.

PH: E vocês faziam brinquedo também?

Valério: Fazia, fazia muitos brinquedos. Nós pegava, assim, fíncava duas vara no chão e travessava outra né, e fazia aquela fila. Daí depois então, nós se sortava um atrás do outro pra pulá por cima daquelas vara. Pra ver, que aquele que derrudava caía, caía fora, não podia mais pulá pra frente aí (risos).

PH: Até que sobrava um.

Valério. Ih, fazia tanta brincadêra né.

PH: E a Sra, até que (...) até a quarta também? E que bricadeiras que a Sra... tinha mais

Vanda: Ah... tinha... de tudo um pôco.

PH: É?

Vanda: É

PH: Lembra o nome da professora?

Valério: A minha... primêro professor foi o tal dum... Pedro Saturino. Depois daí, foi tal do... Joãozinho (...) Blakepluke, Joãozinho Blakepluke. Depois daí, a tal da Balbina Shelo que eu terminei as aulas. Aquela professora era uma professora enérgica mesmo.

PH: Ela castigava?

Valério: Castigava. Meee... e isso nós era uns 40 aluno lá e ela tomava conta. E tinha bastante piá marmanjo sabe, gostava de fulia, ma ela executava. Era vara de marmelo que corria pro lombo. (...) uma professora muito boa aquela lá, não dava moleza.

PH: E o quê que vocês aprendiam na escola?

Valério: Ah, nós aprendia de tudo, no caso, lê, escrevê, fazê conta, estudá em mapa, coisarada, êh. Tanta coisa, né, naquela época já. No causo assim as aula com a professora, Balbina aquela, eu já sabendo mais adiantado, né.

PH: E como é que era, era decorá?

Valério: Era bastante decorá também.

PH: Qual a religião de vocês?

Valério: Nós sempre fômo católico. Desde os meus avô, desde ih, bisavós, né. Sempre foram católico também, até. Eu me lembro da primera igrejinha que na nossa região, lá onde eu me criei. Me lembro, acho que eu tinha 4 ano. Eles construíram a primera igrejinha né, na família, umas 12 família, por aí, né. E daí eles colocaram... o padre lá, o padroera, deram o nome Sagrado Coração de Jesus.

PH: E aqui, como é que vocês faziam pra ir na igreja, tinha igreja perto?

Valério: Aqui, nós aqui quando viêmo morar tinha a comunidade lá nos Vassoler, né, que daqui lá dá quase, dá uns 3 km, 3 mil metro. É, ma a gente dava um jeito, ia, né, até parece que era tão fácil. A gente naquela época era desposto, novo, né. Então, não era defícil de ir. A gente dava um jeito e ia.

PH: E vinha o padre ou...

Valério: Vinha padre sim. O padre era o padre Luís.

PH: Fazia missa todo fim de semana ou como que era?

Valério: Não, não, não. No começo, o padre vinha fazê missa pocas vez por ano. Lá umas 3, 4 vez por ano, ma naquela época rezava o terço. (...) Então o pessoal se reunia né, pr'aquele hora rezá o terço. E fazia as via-sacra tamém né. Então no tempo da páscoa, quaresma.

PH: E pra batiza os filho tamém?

Valério: É, nós batizemo maioria, tudo eles acho que aqui na comunidade quase, né? Arguns batizemo em Caxambu...

PH: Tinha ministro que vinha fazê?

Valério: Não, depois daí então, aí foi na época daí depois, nós tivêmo 2 ministro aí, quando começô aquele, aquela lei né, da igreja né, que, daí nós tivemo 2 ministro e daí eles já rezavam culto, né. Ma c'os ministro não batizemo filho nenhum, só c'os padre.

PH: Os Srs freqüentaram a catequese? Chegaram a ir ou não?

Valério: Nós, no Rio Grande sim, nós tivemo catequese. (...)

PH: E como é que era assim, tinha pessoas de outra religião aqui na comunidade?

Valério: Aqui não, na verdade, óia... não, era tudo católico.

PH: E vocês casaram lá, já?

Valério: Casemo lá. Casemo lá em Cotegipe, né. Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

PH: E como é que era o namoro antigamente?

Valério: Ah (risos) isso aí mudou muito né. Ih, hoje não dá nem pra acreditar, né, me lembro o tempo nosso, ih. Namorá a gente podia namorá, mas no causo anssim, com muito respeito (risos).

PH: Como é que era, vocês iam... como é que vocês se conheceram, vocês dois?

Valério: Ó, na verdade, nós dois se conhecemo desde criança. E só que nós é... eles ficaram morando, a mulher ficaram sempre morando no mesmo lugar e o meu finado pai já se mudou bastante, no caso. Ma depois revoltiemo e viemo se encontra de novo perto. Daí, ficamo morando perto de novo. Daí não assim sabe, a gente nem se pensava de namorá, no caso anssim. E veio uma oportunidade lá que, sei lá como é que se...

PH: Conversaram...

Valério: Se conversemo e já deu namoro. Comecemo namorá em Dezembro, é.

PH: O Sr lembra que ano foi?

Valério: Me lembro... foi é.... nós casemo em 1965, né. Comecemo namorá em 1964. Em Dezembro.

PH: Um ano depois casaram.

Valério: Comecemo... namoremo 14 meis. (...) Nós casemo dia 20 de feverero de 1965.

[tem uma data errada, se casaram dia 20/02/1965, e namoraram 14 meses, então, eles teriam

começado a namorar em dezembro de 1963]

PH: Daí o Sr foi lá e pediu... pra namorar, pro pai dela?

Valério: No caso anssim não era tão, eu não pedi, né. Mas assim era, entre nós. Ela que falava mais com a mãe dela lá se aceitava ou não (risos). A gente parece que não tinha aquela coragem de chegá (risos).

PH: É? Mas daí como é que foi pra pedir ela em casamento então?

Valério: Ah, ma daí depois nós noivemo e foi pedi a casamento, né, eles aceitaram ta, tudo. Aceitaram, eles eram assim no caso, os pai dela, a gente via que eles gostava do namoro nosso, né (risos). Então a gente, no causo anssim, não foi difícil, né. Daí...

PH: O Sr tinha quantos anos quando casaram?

Valério: Eu tinha 23 ano feito.

PH: 23, e a Sra?

Valério: Também.

PH: 23, os dois.

Valério: É.Ihh, sei que fizemo um casamentão muito bonito. Nós tinha 190 pessoa convidada e participo 145, é. Faltô 45. Uma festa muito boa. E foi tempo, a festa de casamento começava na sexta fera, parava no domingo.

PH: Daí como é que era, de manhã?

Valério: De manhã. Daí pra ir casá dava 18 km.

PH: Casá na...

Valério: Na igreja.

PH: Na igreja.

Valério: É. E daí então, naquele tempo, nós, maioria ia de caminhão. Os dois noivo dentro da guerbine [cabine] junto com o motorista e enchia de gente em cima (risos). É, era importante naguele tempo, era muito divertido e dê-le foguete, principalmente na volta, né. Chega na casa, meeee. Hoje terminô aquele costume, não existe mais esse costume né.

PH: Casaram no civil também?

Valério: Sim, casemo no civil no mesmo dia.

PH: E como é que foi assim, o quê que tinha de, de comida... festa?

Valério: Ah, lá naquela época a gente carneava criação, né, churrasco, carniava gado, carniava

porco, cabrito, ovelha, o quê. No caso assim, daí, de doce, tantos bolo tinha, sei que uns 12, 13 bolo, sabe. Então tinha o bolo dos noivo bem grande (...) daí faziam bolacha. Bebida, era a maioria vinho, né.

PH: Vinho.

Valério: Vinho colonial.

PH: Que legal. E daí vocês moravam em casa própria, ou moraram um tempo com os pais.

Valério: Eu tinha um pedaço de terra, no caso né. E, só que quando nós casemo, a mãe dela andava muito doente, sabe, e as ermã dela eram tudo menina pequena. Então o sogro aceitava casamento mas nós tinha que ficá lá com eles. Por que não era possível né, de deixá a mãe doente com as menina né, e quem que ia faze o serviço, né, eles tamém eram em 10 da família. Tinha 3 rapaiz mais novo dela, depois a menina, 4ª né depois.

PH: Então ela era mais velha?

Valério: Era a mais velha da família. E daí nós fiquemo lá com eles, e daí nós trabalhava junto, com os irmão dela, o finado sogro e turma, no caso, né. É. E daí o que nós colhia ele me dava 25%. Má livre de tudo, no caso, eu não precisava comprá comida nada. No caso assim, só a ropa e a cama, no caso assim. Comida e me dava semente, dava apoio, no caso assim, o que precisá pra lavora era tudo por conta dele. Daí nois fizemo uma safrona boa lá e fiquemo 14 meis lá com eles.

PH: E depois quando vieram pra cá, mora pra cá, o Sr falou que construiu uma casa, como é que era?

Valério: Era uma casa, no caso anssim, muito simples, sabe, de madeira bruta, caso anssim, né E daí foi feita uma casa de 5,5 por 5,5, anssim, repartida. Então metade era cozinha, metade era 2 quarto, daí dividido, 2 quarto.

PH: De tábuas?

Valério: De tábuas, é.

PH: E telhado?

Valério: O telhado era de telha mêmo, de barro. É, e daí até... fiquemo um tempo naquela casa lá, depois construímo uma varanda do lado. É, daí folgô mais. Daí depois de lá um tempo derrubemo tudo aquela, se mudemo pro paiol e derrubemo aquilo lá e construímo essa ali. É, já fizemo uma casinha melhor, até nós era pra reformá de novo ela ta, e faze maior, má com esse problema da barragem, a gente não sabia se vamo investi ou não. E fiquemo naquela duvida, né, daí fiquemo ali anssim.

PH: Daí criaram os filhos aqui, todos?

Valério: Criemo tudo eles aqui.

PH: E, pra eles ir pra escola, como é que era, tinha aqui na linha?

Valério: Tinha sim, tinha aqui e até hoje tem ali perto do Franciscão, ali em cima tem aquela escolinha ali. É, então eles iam ali.

PH: Mas tinha até que série ali?

Valério: Até 4ª.

PH: Até 4ª?

Valério: É.

PH: E os filho estudaram mais que 4ª?

Valério: Os mais novo estudaram, até, até hoje no caso, tinha ainda até alguns que tão, tenho um que tá fazendo a faculdade, né, trabalha lá em Chapecó. É o Gildon, e... daí depois começou vinha transporte escolar, tá, e daí aqueles que começo vir transporte escolar, daí foram estudando tudo eles.

PH: O Sr lembra que professora que vinha, trabalha aqui.

Valério: Aqui era a Candinha. Canhinha Jacomeli, a Dona Rosa de Melo, depois tinha mais uma professora que eu não me lembro mais o nome dela, era uma professora soltera que morava ali no Casanova... não lembra o nome dela? [perguntou para a esposa] Depois ela trabalhou no hospital lá em São Carlos, aquela professora.

Vanda: Não lembro, ela fico poco tempo. A Ivete.

Valério: A Ivete deu aula ali também... Ivete Pompeu.

PH: E a educação, assim, era mais ou menos como a que vocês tiveram ou era diferente da educação de vocês?

Valério: Ah, já quando os filho começaro a estudá já era mais diferente, já mudô bastante.

PH: Que diferença que tinha?

Valério: A diferença é que mais assim, naquele tempo a gente não estudava tantos livros, matemática, ciência, as coisa assim depois que os livro começô a estuda já começo a vim a... os estudo mais pesado né.

PH: Mais livro...

Valério: É, mais livro e tal.

PH: E a alimentação dos filhos? Tinha alimentos diferentes no tempo de vocês e no tempo deles?

Valério: Nós tinha alimento, no caso, conforme nós se criêmo, os filho até comeram melhor. É, porque na época, como nós se criêmo era mais difícil do que criá os filho. Era o mais difícil pros nossos pais é o acesso ao comércio, né. Então a gente comia mais coisa natural, assim, sabe. Coisa

que a gente prantava na lavora, né.

PH: O quê que era mais consumido assim, lembra de comida que a mãe fazia mais, você fazia mais, a Sra...

Vanda: Feijão, mandioca, massa... (risos)

Valério: Arroz, bolo...

Vanda: Pan.

Valério: Carne, no caso, também nunca faltava, né, naquele tempo, né, carne sempre existia.

PH: E tinha geladêra pra guardá?

Valério: Não.

PH: Como é que guardava carne?

Valério: Guardava carne, naquela época guardava assim, no caso, carneava um suíno, no caso, um porco, né. E daí fazia a banha e a carne fazia o salame. É porque daí o salame ele conserva mais. E aqueles osso, né, dos ossado, uns osso assim bem limpo jogavam fora e aqueles mais com um pouco de carne faziam, fritavam, né, nuns panelão, e daí guardavam dentro das lata com aquela banha sabe... e daí ocupavam logo aquilo lá, né. Primero que gastavam era os osso (rindo) na panela. E daí conservavam assim. Na banha ele conserva né.

PH: Sim. Criavam bastante galinha também?

Valério: Sim, galinha sempre.

PH: Então vocês tinham, bem dizê, carne todo dia.

Valério: Ah, no caso, que nem nós aqui, viemo mora ali, a gente tinha peixe, né, bastante peixe, então ali a gente comia, né. Sempre tinha mistura. É. Se não era carne, era peixe assim, no caso né.

PH: Peixe. E costumavam pescá muito aqui no rio, Uruguai?

Valério: Não era assim de dizê pescá, a gente ia pescá pro gasto, né. Mas pra vendê, não. A gente não tinha aquele costume, mas pra comê, a gente pescava.

PH: E... toma banho no rio, vocês iam bastante?

Valério: (rindo) Talvez a gente gostaria, mais no verão assim, brincá na água, né, que ali tem umas praia muito boa né. Até na época do prefeito... Guido, Perin, que ele abriu aquela estrada pra descê no rio daí vinha muita gente de Caxambu daí também se divertiu, né. Era muito bão, essas praia muito boa.

PH: E não acontecia caso de afogamento?

Valério: Não, graças a Deus que, que não, não teve esses problema.

PH: E de gente assim, que se enforcava, acontecia aqui, ou não?

Valério: Aqui na nossa região ali... aconteceu uns caso, no caso anssim, uns vários caso, não é... acho que é uns 5, 6 caso desses. Esses acontecimento que aconteceu.

PH: E era pessoa mais de idade?

Valério: Ah, jovem também. Teve jovem, teve pessoa de idade. É. Na verdade, acho que teve uns 3, 4, 3 jovem, 4. É, que aconteceu.

PH: E quando morria alguém, como é que era? Como é que faziam o velório?

Valério: Ah, os velório, eram velado nas casa naquele tempo, né. A pessoa que falecia, no caso, era velada em casa. Agora não. Agora já velam na comunidade ou, ou no caso, alguns né. E outros já velam nas funerária, no caso assim, né. Aquele tempo não, era nas casa. Levava...

PH: Tinha cemitério aqui?

Valério: Não. É. Só no cemitério municipal de Caxambu.

PH: Levavam pra lá daí.

Valério: Levavam pra lá. É. Mas velado, era a maioria nas casa.

PH: Nas casa. E como é que era, tinha alguém que fazia caxão? Ou as pessoas da casa mesmo tinham que fazê?

Valério: Ma quando nos viemo mora pra cá já existia os caxão né. Agora lá no Rio Grande já então na, na época né, daí faziam caxão em casa. Faziam, pegavam tábua ali, faziam caxão de tábua memo, né, e pronto. Não existia esse negócio, né, de comprá caxão.

PH: E daí como é que faziam com toda aquela gente que vinha, serviam almoço pro velório?

Valério: Serviam, serviam. Ih, lá no Rio Grande lá eles tinham o costume assim, até hoje eles tem. De fazê almoço bão. Fazê almoço. Até nós fomo no velório da finada sogra lá, eles fizeram um almoço lá, muito muito assim, sabe, bem caprichado. Até carne assam lá, pra servi o pessoal. Aqui já tem otros costume, cada um vai, no caso de... não dão essas despesa né. Eles vêm no velório, depois na hora de ir, vão e daí almoçam e voltam talvez, assim, sabe.

PH: E mudando de assunto agora, na juventude de vocês, como é que vocês se divertiam? Tinha baile?

Valério: Tinha, na verdade nós se divertia muito. Eu comecei a acompanhá minha irmã mais velha lá. Ela era mais velha de eu e daí aquilo eu já comecei participa anssim, bailezinho, né. Com 13, 14 ano eu já dançava. É.

PH: E aqui faziam muito baile, aqui em Caxambu? Aqui na comunidade?

Valério: Aqui na comunidade, aqui, depois que nós viemo morá pra cá já mudo o costume, né. É

aqui, na verdade, na nossa comunidade não. Nós fazia, sabe, mais aquelas festinha de aniversário, nas família assim. Má baile mesmo, assim, não tinha assim, salom [salão] de fazê baile, mais aniversário, assim como, nós tinha um, um grupo bão ali, daí tinha um aniversário ali, a gente fazia risoto, é, tocava uma gaita [acordeom], ali os casal dançavam.

PH: Nas casa mesmo.

Valério: Nas casa part... nas casa memo. É.

PH: E aqui então, não tinha salão na comunidade?

Valério: Não, não. Só Caxambu.

PH: Só em Caxambu. E tem hoje?

Valério: Ah, tem, tem.

Vanda: Claro que tem salom aqui.

Valério: Tem o esporte clube ali tem um salom muito, muito luxuoso.

Vanda: Ma ali na comunidade acho que ela qué dizê.

Valério: Ah ali da comunidade tem. Ali na comunidade tem o salom da comunidade, daí ali eles fazem, fazem as festa, daí depois de tarde reunião dançante, né. Fazem, fazem ali na comunidade claro que...

PH: E quando é que construíram, vocês lembram?

Valério: Esse pavilhão ali, que foi construído... meu deus do céu, faz uns... uns 14, 15 anos já que é feito. Ma de antes também tinha, né. Otros pavilhãozinho mais pequeno, no caso na outra comunidade tinha uns pavilhão pequeno, lá também já saiu baile. Mas anssim não era de des... só dia de festa no caso anssim que pessoal se divertia mais, né. Tarde dançante.

PH: E a comunidade costumava fazê festa assim, almoço?

Valério: Sim, era 2 festa por ano. Até hoje tem esse costume né. É mês de fever... de janêro e agosto. É.

PH: E daí como é que é, vai o pessoal nas casa arrecadá?

Valério: Das vez eles vão, né. Mais anssim na, na festa de agosto né, na festa de São Roque. Então a maioria colono, cada um tem os seus bichinho né, então já, já é de costume né, dá uma oferta melhor, né.

PH: Aqui o padroero é São Roque então?

Valério: Sim.

PH: Então como é que era as banda no tempo da juventude? Tinha, tinha que eles

contratavam banda, como é que era? Tinha...

Valério: Não, não. Tempo nosso de jovem era um gaitero e um violero e pronto.

PH: E aqui, vocês lembram quem costumava tocá? Aqui em Caxambu, aqui na comunidade?

Valério: Ali na comunidade eles pegam varia... variando os conjunto, né. As vez vem conjunto de São Carlos, as vez vem de Chapecó, de Caxambu...

PH: Mas mais de antigamente, assim, quem ia toca nessas festa que acontecia em casa?

Valério: Ali, ali nessas festinha que fazia em casa ali, tinha os gaitero, meio que assim, puxava um poco a gaita e deu, né. É daí tinha o tal do Jandir Casanova, ele tocava gaita, o Idalesco Fontana, eu ajudava um poco.

PH: Que que o Sr tocava?

Valério: Ah, as musica antiga (rindo).

PH: E cantava?

Valério: Não, eu cantá já não me ajeitava tocando e cantando parece que eu me atrapaiava.

PH: É, e que instrumento o Sr toca?

Valério: É a gaita, né.

PH: Gaita?

Valério: Gaita, gaita. Só que, no meu caso, eu vendi a gaita e era pra compra outra eu nunca mais comprei, daí. Ma tenho saudade de uma gaita ainda (risos).

PH: E o Sr sempre foi agricultor?

Valério: Sempre.

PH: Sempre, nunca trabalhô em outra coisa?

Valério: A única coisa que eu não trabalhei [na agricultura] foi um ano que eu fiquei no quartel em 1962.

PH: Ah, o Sr serviu.

Valério: Servi o quartel, é.

PH: Que idade que o Sr tinha quando começô a trabalhar, se lembra?

Valério: Ih eu, naquela época lá com 7, 8 ano acompanhava os pai na roça.

PH: É.

Valério: E daí, meio dia ia estudá na aula é e meio dia c'os pai na roça.

PH: Tinha dias que não trabalhava? Trabalhavam sábado e domingo também?

Valério: No sábado de tarde daí já não. No domingo respeitava muito, já tinha que respeitar domingo... dias assim... já se enxergasse alguém lá pra roça, já não era bom, o pessoal não gostava. Respeitava, o domingo era muito respeitado.

PH: E tinha diferença no trabalho do homem e da mulher?

Valério: Não, a mulher no caso anssim ela acompanhava meio direto. Ih, era no... qualquer tipo de serviço da lavora...

PH: Ela fazia também.

Valério: Ela fazia também.

PH: E ainda serviço de casa.

Valério: É.

Vanda: Atende os fio [filhos], lavá ropa, tratá os porco, tirá leite.

PH: E a Sra tinha dia assim, específico pra lavá ropa? Tirava um dia pra isso ou não?

Vanda: Tudo na hora do meio dia que tinha fazê.

PH: Na hora do meio dia. E pão, como é que era pra fazê.

Vanda: A gente assava nuns forno feito assim, de tijolo, fora.

PH: Aham. Fazia quantas vez por semana?

Vanda: Ah, conforme as pessoas que tinha em casa, as vez fazia uma vez por semana, fazia 6, fazia 5, 6, (...)

PH: E quanto é que é, fazia uma fornada... quantos pão mais o menos?

Vanda: 5, 6.

PH: E como é que era o pão, de trigo?

Vanda: Sim.

PH: Sempre de trigo? Ou fazia pão misturado?

Vanda: As vezes, ma pocas vezes.

PH: Pocas vez. Vocês plantavam trigo?

(...)

Vanda: Pegava, comprava assim, bolsa, pacote.

PH: Então, o Sr falou que aqui era mata quando chegou. Tinha muito bichinho assim, selvagem?

Valério: O... tinha sim ó. Na verdade, caça tinha bastante. Tinha a paca, tinha a cutia, tinha até o viado, tinha o tatu, é.

PH: O Sr caçava?

Valério: Muito pouco, eu já não era anssim, gostava mais de pescá. É. E passarinho tinha também, vários tipo de passarinho, tinha a tal de uru, nambu, pomba, no caso, ainda existe um algum pouco desses passarinho, né. É.

PH: E quando o Sr chegou, tinha muito morador aqui?

Valério: Nós era, quando nós chegemo mora ali na comunidade, né, já eram 17 sócio.

PH: 17 sócio.

Valério: É. Tinha pouca gente, no causo anssim, depois tinha bastante mata. Até, bicho mesmo assim, uma época ali, tinha um bichinho que incomodô bastante, por ali, tal do guará [lobo guará], que chamavam. É. Mas depois ele se retirô, foi embora. É. E ninguém matô ele, nada, daí diz que d'algum viu ele lá cruzando uma roça lá pro Rio Grande, lá não sei o que de certo, por que o bicho aquele nadava né, passava o rio, cruzava o rio a nado. E... assim, quando nós viemo ali, era bão, Deus o livre, por que ali tinha o tucano, também, né, era bonito de vê esses passarinho, assim nos alto das grápia, no causo, a árvore mais alta. Aquelas cantada, bastante mico também, né.

PH: E, dos morador que tinha, era mais caboclo, alemão, italiano?

Valério: Óia, era mai, mais italiano.

PH: Mais italiano.

Valério: Mais italiano.

PH: E esse, mas tinha caboclo também?

Valério: Óia, no caso anssim, caboclo memo, anssim, tinha que era assim da, dos brasileiro era os Pompeu, no caso, é, os... quem mais... era só eles, eu acho, senão maioria... era italiano. Ali tinha o finado Belarmino, finado Hélio. E otros, quem... ah, tinha o, o tal do Tomás Zacaria. Caboclo memo. É.

PH: E... e alemão, também tinha?

Valério: Alemão, na época tinha tal dos Loph, que morava ali, tal do Arnaldo Loph, só uma família.

PH: E se davam bem assim entre...

Valério: Sim, a vizinhança, Deus o livre, no caso anssim, a gente nunca teve problema c'os vizinho.

PH: E se ajudavam assim, fazê serviço?

Valério: Se ajudavam, sim, anssim, no caso, anssim, trocá dias né, um ajudava o otro, qual que ele ia ajudá a devolvê, tá.

PH: Quando que se ajudavam?

Valério: Isso é anssim num apuro de lavora, de serviço né. As veiz um tinha lá um feijão seco pra colhê, e, e, no caso, eu não tinha, daí eu ia ajuda ele e depois ele vinha me devolvê, né, assim, daí a gente, se ajudava. Entre vizinhança anssim, as mulher também quando precisava duma farinha, emprestava, as vez uma erva, tudo quanto é coisa, no caso anssim, né, uma emprestá pra otra. Não tinha problema de vizinhança, era muito bom. (...)

PH: E como é que era pra colher o feijão?

Valério: Colhê feijão era a muque.

PH: A muque?

Valério: A muque. Daí a gente arrancava o feijão, daí empiava [empilhava] lá na roça, né, fazia aquela piia [pilha] de dois tipo, piia comprida, redonda, né. E... daí dexava lá né porque o negócio de triadera [trilhadeira] era difícil né. Pra depois triá [trilhar – passar na trilhadeira], quando dava no jeito né, daí tinha algumas, 2, 3 triadera por ali, né. Então eles, os dono das triadera faziam aquelas maiança [malhança], pegava na casa de um, maiava pra todo mundo, no caso assim, a gente pagava por bolsa, né, pra, pa tê aquele produto.

PH: E vendiam pra quem esse, esse feijão?

Valério: Nós vendia principalmente no comércio anssim, tinha aquela loja do Jacomeli, anssim, o cerealista ali de Dom José, naquela época, eles compravam muito produto no caso, comprava de tudo. Nós vendia pra eles lá de Dom José. É, depois daí aconteceu aquele desastre de queimarem a loja lá e termino no caso assim, daí a gente vendia ali pros Perin, os Keller, naquele tempo, depois veio a cooperativa, criou a cooperativa, daí facilitava mais o comércio.

PH: Aham. E tinha mercado, loja?

Valério: Tinha, tinha, Caxambu tinha.

PH: Farmácia...

Valério: Farmácia tamém, já na época de começo, primeros anos não tinha farmácia, só... acho que não me lembro, mas acho que não tinha farmácia não.

PH: Comprava as ropa ou fazia? Comprava pronta ou tinha que comprá o tecido?

Vanda: Ah, pronta a maioria.

PH: A... o senhor lembra da época que transportavam madeira ali no rio?

Valério: Lembro.

PH: Das balsa?

Valério: Sim. Lembremo, nós até, quando viemo mora pra cá, eu acho que continuo mais uns 2, 3 ano, né aquele negócio de leva madeira pra baxo. Daí nós apreciava.

PH: É.

Valério: É, apreciava aquelas, barsa [balsas], uma atrais da otra e quando dava enchente no rio, né, então soltavam, preparavam as balsa lá antes da, no causo, do tempo, né. Quando que ele ficava, que crescia o rio, daí soltavam. Era, monte de barsa, uma atrás da ota.

PH: É. Sr lembra daqui, se alguém trabalhava com isso?

Valério: Daqui, tinha o... até ele é vivo ainda... o... Afonso Camargo.

PH: Camargo.

Valério: É. Daqui, que eu sei que trabalho com isso. É. E... e, tinha otros ali otro lado do rio, só que no momento no me lembro nome deles. Acho que tinha o tal do Josino Camargo também trabalhava com isso.

PH: E são vivos ainda?

Valério: O seu Afonso sim.

PH: Só o Afonso. E ele mora aqui?

Valério: Mora logo adiante ali. É um veinho já, com uns noventa e pocos ano.

PH: E... aqui na comunidade, como é que vocês faziam pra, pra se comunicá, por exemplo, com parente que ficô no Rio Grande do Sul?

Valério: Olha, assim, na época a gente escrevia carta. Mandava pelo correio pra dá notícia um pro outro anssim. Senão, ia visita, né assim, passeio.

PH: E vocês tinha rádio, televisão, tinha luz aqui?

Valério: Não... no começo não tinha.

PH: Não tinha, quando é que veio?

Valério: Ai, ai, ai, agora não me lembro que ano foi.

Vanda: A idade da Mari, uns ano mais velho.

Valério: A Mari tem 27... 28 ano... 29 ano parece que veio a luz.

PH: E daí compraram rádio?

Valério: Nós tinha rádio, mais era rádio a pilha. Daí depois que veio a luz daí já foi comprado rádio a luz, né daí. Ma daí fomo comprando geladera, freezer, tudo os eletrodoméstico no causo anssim, né.

PH: E o que, que rádio vocês escutavam?

Valério: Naquele época maioria nós aqui escuitava Rádio Chapecó.

PH: Rádio Chapecó.

Valério: É, Rádio Chapecó, porque nem Índio Condá, naquela época não existia. Rádio são Carlos tamém no, só Rádio Chapecó, rádio véia, chamam, dizem, né.

PH: Tinha algum programa que vocês escutavam mais?

Valério: Ah, os talvez... tinha... tinha uns musico, né, que buscava escuitá, aqueles da chalana, agora me esqueço o nome deles, eles tocava na rádio e otros artista que, musico, violero, no causo assim, tinha, na rádio. Daí a gente assistia esses programa. Mais era notícia que a gente escuitava.

PH: Assim, sobre o Rio Uruguai ainda, o Sr lembra quando é que aconteceram as enchente maior assim?

Valério: A enchente maior que deu foi o 1966, a primera enchente braba que deu, foi em agosto.

PH: Chego a atingir vocês aqui?

Valério: Não, nós não morava aqui ainda.

PH: Não.

Valério: Não. Ma no otro ano em 67 daí nós viemo morá pra cá e daí deu pra ver ainda o estrago que o rio fez, né. Nas verada da barranquera, no causo anssim, do rio.

PH: E seca, o Sr lembra de ter acontecido alguma seca?

Valério: Seca, foi, foi acontecido seca também em 67, não 69... 67, 69 deu uma seca que nós perdemo bastante milho com a seca.

PH: E daí como é que conseguiam água pra bebê assim.

Valério: Água pra bebê sempre tivemo de água de vertente, no causo né. Ma dizê assim, com a seca não... não tivemo assim, falta de água.

PH: E pra alimentação, tinha dificuldade quando que deu essa seca?

Valério: Ah, no causo anssim, pra alimentação deu pra nós se virá, no caso, deu pra coiê [colher] um poco, né. É. Mais eu sei que... foi meio apertado, no causo anssim, a gente vendeu poco, né. A gente ali se virava (...) que nem nós ali prantava o milho, prantava o feijão, sempre tinha alguns porquinho tamém né.

PH: Criavam solto ou não?

Valério: Não, fechado.

PH: Fechado.

Valério: Fechado. Então ali a gente tinha sempre alguma coisa pra vendê né. Então é, a gente se defendia assim.

PH: E... como é que o Sr recebeu essa notícia da barragem aí tudo?

Valério: Óia essa notícia da barrage ela é uma história longa, no causo anssim, isso, de, de vários anos, porque... ali primero começo sobrevoá aqueles avião, helicóptero, né. Veio pro canal e aqui e lá. E daí já veio vindo aquela notícia, né, que eles tavam estudando algumas, fazendo uns estudo, né, sobre a barrage. Ma isso foi em 1980 pra cá né, que já começô essa história. Ma falaram que ia saí a barrage, ia saí a barrage e tal, mas a gente não dava muita bola né. É. E na verdade faz, que começô faz uns 12 ano, que começô mesmo movimento da barrage. Ai o pessoal fico esperando, né, achavam que ia sai logo tal, tal, tal, tal. Depois ficô meio quieto, ficô meio parado e daí agora que...

PH: E o Sr vai tê que saí?

Valério: Eu vô ter que sair, assim dizem, né. Sei lá. Só que na verdade, né. Com 40 ano que a gente mora ali, parece que até uma mentira, né. Por que gente nunca pensô de fazê mudança (risos). Ma fazê o quê, né, se acontece de daí, a gente vai tê que saí, por que, dexá a água pegá, não dá, né.

PH: É. E o que é que o Sr acha que vai mudá na vida de vocês?

Valério: Olha, na nossa vida, a... eu pra mim, não sei lá, mas ela vai mudá muito, né. Por que ó, acontece o seguinte, desde o clima, a gente é acostumado tantos ano more, mora ali, né, morando ali, acostumô com esse clima, tal. Talvez, se sai pra um outro lugar, né, ou talvez é clima mais frio, a gente já de idade, pode pegá uma, uma gripe mais fácil, no causo, né, que nem Chapecó já é frio. Pra mim, Chapecó muda muito, daqui a Chapecó muda muito. É. Então, acho que vai mudá bastante né, muita coisa. É. Ma, na verdade anssim ó. A gente é acostumado, de tantos ano, né, vivê ali co'a comunidade, mêma comunidade, né, co'os pessoal, tu vai num outro lugar, de repente já não acha as pessoa que nem a gente tem ali, né. Talvez acha gente boa, talvez não acha mais aqueles, aquela gente boa que como tem, né. Então acho que muda muito. Desde, eu penso o seguinte, ó, desde negócio de saúde, vê, a gente tantos anos sempre foi bem atendido nunca precisô fazê fila, agora tu vai nessas cidade grande, lá eles tem que enfrentá fila coisa e lá... banco a mêma coisa, se tu vai ali no banco não tem fila, você é... e de repente sai daqui, muda muito. Por que a gente nem sabe pra onde é que vai se jogá no causo assim, né. Então eu acho que vai mudá bastante.

PH: O Sr lembra de alguma outra história, algum fato marcante que aconteceu em Caxambu? Ou mesmo aqui na comunidade?

Valério: Marcante mesmo anssim, ai ai ai... mesmo, o quê que eu vô de dize. Anssim que chamasse

uma atenção muito grande eu acho que não.

PH: E o Sr tem mais alguma coisa que eu não perguntei sobre Caxambu, da sua vida? Pra deixar registrado, o Sr gostaria de falá mais alguma coisa?

Valério: (tosse) Ah eu pra mim assim, no caso Caxambu, eu posso dizê anssim, né, que... sempre anssim pra mim, sempre foi muito bom. Nunca anssim, teve problema, sempre tenho vários amigo e mee, no caso anssim, me dô com tudo mundo e muito conhecimento e tal, pra mim Caxambu é... seria uma historia, né, que a gente viveu tantos ano aqui que não, não tem como dizê que Caxambu é ruim pra mim, né. Caxambu sempre foi, pra mim foi ótimo. Então a gente tem medo, talvez vai num outro município, no caso já... já não é mais aquilo. É. Porque na verdade aqui nunca me faltô nada. É. Onde eu fui, sempre fui atendido, ta e... não posso dizê alguma coisa contra Caxambu. Tivemo assim, uns prefeito tamém, sempre prefeitos mais o meno, no caso anssim, né e... educação pros filho não faltô, transporte não faltô, saúde tamém sempre fomo bem atendido, é. Então, eu acho que Caxambu pra mim fica na história.

PH: Dona Vanda, a Sra tem alguma coisa que gostaria de falá? Não? Mas então tá, seu Valério, muito obrigada pela entrevista, Dona Vanda também.

Valério: Ma nós que agradecemos, a vossa visita e agradecemos muito, desejemo que ceis fazem um bom trabalho, é.

Fim da entrevista.